

MEGAN MAXWELL

ATÉ  
O SOL  
NASCER

Tradução  
Cristina Vaz

 Planeta

*Para o meu maravilhoso guerreiro Jorge,  
porque desde o primeiro instante  
em que vi a tua carinha, roubaste-me o coração.  
Ver o teu sorriso alegra-me sempre a vida, pelo  
que espero que nunca deixes de o exibir,  
e lembra-te que não precisas de sonhar a vida,  
mas sim de viver os teus sonhos, porque serão  
eles que te farão felizes para o resto da tua vida.  
Amo-te, meu querido, e contigo, AAIEMA  
(Até Ao Infinito E Mais Além).  
E, claro, para todas essas guerreiras  
e todos esses guerreiros, e lembrar-lhes que  
o melhor ainda está para vir!  
Mil beijos,*

MEGAN



## Prólogo

*Benicàssim, 2007*

Em casa dos Sánchez, Ágata, uma mulher trabalhadora, mãe de duas filhas, casada com Mario, ouvia rádio e cantarolava alegremente enquanto cozinhava.

– Mãe – protestou Sofia, a filha mais nova. – A Esther expulsou-me do quarto dela e diz que esta noite não posso ir à sua festa de pijama.

– Querida, já falámos sobre isso.

– Bolas, mãaaaaae...

Ágata sorriu. As filhas adoravam-se, mas por vezes davam-se pior do que cão e gato.

– Querida... – respondeu. – É a noite da Esther e dos seus amigos. A tua irmã acabou o curso de Gestão e quer comemorar.

– Mas eu quero lá estar... quero entrar.

– Nem sonhes! – sentenciou Esther, que nesse momento entrava na cozinha.

Ao ouvir a irmã, Sofia começou a choramingar. Se havia algo que aquela miúda fazia bem era chorar e Esther, ao vê-la, troçou:

– Está visto que vais ser atriz... que dramatismo!

Ágata teve vontade de rir com o comentário da filha mais velha, mas olhou para ela e disse:

– Faz o favor de não meteres mais lenha na fogueira. – E depois, dirigindo-se à filha mais nova, admoestou-a: – E tu, para de te queixar. Pelo amor de Deus, Sofia, não podes passar o dia todo chateada!

Esther, que não tinha a mesma personalidade serena da mãe, sorriu e, aproximando-se dela, comentou:

– Mamã, esta vai acabar por ganhar um Goya ou um Oscar.

Desta vez, Ágata riu-se e, olhando para Sofia, que chorava para chamar a sua atenção, repetiu:

– Já chega, querida.

– Mas, mãaaaae...!

– «Mas, mãaaaae...!» – imitou-a Esther, irritando-a ainda mais.

Como era a mais nova da casa, Sofia estava habituada a levar a sua avante na maior parte das vezes. No entanto, Esther, ignorando os olhares da mãe, insistiu:

– Quero lá saber do teu berreiro. Esta noite é a minha noite e tu não vais lá estar.

Sofia emitiu de novo um grito penoso.

– Querida, pelo amor de Deus – queixou-se a mãe –, não sejas tão caprichosa e entende que a tua irmã quer estar com os amigos dela.

– Mas, mãaaaae...

Ao ver o furacão que se estava a formar, Ágata suspirou. Sofia conseguia ser insuportável. Estava a tentar acalmá-la quando tocaram à campainha. Era Marga, a sua vizinha, uma mulher surda-muda de nascença que, fazendo-lhe sinais com as mãos, lhe comunicou que precisava de cenouras.

Anos antes, ao conhecer a vizinha, Ágata fizera questão de aprender linguagem gestual ou, como eles lhe chamavam, o alfabeto manual. Como tal, assentiu de imediato e disse-lhe que entrasse.

Ao entrar na cozinha, Esther, que, como a mãe, aprendera linguagem gestual, cumprimentou Marga. Esta, ao ver Sofia a chorar, sorriu.

– É uma chorona! – exclamou Esther, movendo as mãos.

Marga deu uma gargalhada. Ágata olhou para ela e, de novo com as mãos, disse ao ver a filha mais nova encaminhar-se para o quarto dela completamente furiosa:

– É melhor nem perguntas... Toma, Marga, comprei-te os botões de que precisavas para a bata do Germán.

A mulher sorriu. Ágata era a melhor vizinha que alguém podia imaginar e, depois de lhe dar um abraço, moveu as mãos para dizer:

– Adoro-te. Não sei onde arranjas tempo para fazer tantas coisas, a trabalhar como trabalhas.

Ela devolveu-lhe o sorriso, mas não respondeu. Aquilo de que mais gostava era de agradar aos outros.

Assim que Marga se foi embora, Esther olhou para o forno e comentou:

– És um espetáculo! Fizeste a tua piza!

O sorriso da mãe abriu-se ainda mais ao ouvi-la.

– Sei que tu e os teus amigos gostam muito.

– Obrigada, mãe!

Não havia no mundo nada de que Ágata mais gostasse do que ver os seus entes queridos felizes. A campainha da porta voltou a tocar e Esther foi a correr abrir. Diante dela estavam Delia, Hugo e Vega, os seus amigos de sempre. Tinham-se conhecido no colégio, na escola primária, e desde então não se tinham separado.

– Tenho o último da Rihanna – disse Delia, mostrando-lhe um CD.

– E eu o da Amy Winehouse – declarou Vega.

Extasiada, Esther tirou-lhos das mãos e a mãe, que viera ver quem tinha chegado, comentou divertida:

– Ora, ora... sei de alguém que se vai divertir muito.

Entre risos, entraram todos na cozinha e Hugo exclamou:

– Mãe do céu, Ágata, cheira tão bem!

– A piza da tua mãe... que delícia! – exclamou Vega, olhando para o forno.

Ágata sabia o quanto eles gostavam da piza que preparava.

– Porquê? – murmurou Delia, abraçando-a. – Porque é que não és tu a minha mãe?

A mulher olhou-a com carinho. A relação de Delia com a sua família era péssima. Quando ia para responder, Sofia, a filha mais nova, entrou novamente na cozinha e perguntou:

– Para mim também há piza?

Esther suspirou ao ver a irmã.

– Não, minha linda – replicou. – A piza é para nós.

– Mãaaaaaae...! Não só não me deixa ir à festa de pijama dela, como também não quer que eu coma piza.

Ao ver as filhas outra vez a discutirem, Ágata tentou mediar. Aproximou-se da mais nova e disse:

– Vamos lá ver uma coisa, querida. Quando as tuas amigas vêm cá, a Esther não se mete convosco no quarto e...

– Deve ser porque ela não quer.

A irmã sorriu ao ouvi-la e a mãe continuou:

– Sofia, querida, tens catorze anos e a tua irmã, vinte e quatro. Tens de entender que...

Porém ela voltou a ir-se embora aborrecida e fechou-se no seu quarto, batendo com a porta. Os outros entreolharam-se.

– Esta miúda é dura de roer – murmurou Vega.

Todos assentiram. Sem dúvida, Sofia tinha uma personalidade difícil.

Ágata abriu então uma gaveta e, atraindo os olhares dos quatro jovens, disse:

– Olhem o que vos comprei! Hoje de manhã, quando fui ao mercado, não consegui resistir e comprei uma para cada um.

Os quatro olharam para o que ela tinha nas mãos e deram uma gargalhada.

No saco de praia lia-se «ATÉ O SOL NASCER», uma frase muito típica de Ágata que agora todos eles usavam.

– Obrigada, Ágata – murmurou Vega, contente. – É lindo.

– Adoro! – exclamou Hugo.

– Que fixe, obrigada! – Delia sorriu.

– Mãe... – disse Esther. – Adoro! E com a tua frase!

Os jovens abraçaram-se a Ágata em sinal de agradecimento e, de repente, apareceu Mario, o pai, que perguntou divertido:

– Posso juntar-me ao abraço?

Abraçou-os entre risos e, quando se separaram, Sofia, que estava outra vez à porta da cozinha, ia para dizer qualquer coisa, mas a mãe adiantou-se-lhe e estendeu-lhe um saco igual ao dos outros.

– Toma, querida – disse. – Este é para ti.

A miúda pegou nele, mas o ar dela era sério, muito sério, pelo que, ao vê-lo, Mario perguntou:

– O que se passa com a minha princesa?

– O mesmo de sempre, pai – apressou-se Esther a responder –, ou satisfazemos-lhe todos os seus caprichos ou fica amuada.

Dito isto, encaminhou-se para o seu quarto com os amigos enquanto exclamava:

– Vamos pintar a manta!

Esperava-os uma boa noite pela frente.

Contente com a felicidade da filha Esther, Ágata olhou para o relógio e, dirigindo-se ao marido, perguntou:

– O que fazes aqui tão cedo?

Mario suspirou. Os seus horários de trabalho eram complicados.

– O Jesús telefonou – explicou, olhando para ela. – Está com febre e vômitos e não pode trabalhar esta noite... portanto, calha-me a mim.

– Valha-me Deus... – queixou-se ela.

Mario, que observava a porta por onde a filha e os amigos tinham desaparecido, perguntou:

– Este rapaz... o Hugo, vai passar a noite aqui com elas?

Ágata sorriu. Confiava a cem por cento no rapaz, pelo que declarou:

– O Hugo é um bom rapaz.

– Quero lá saber, Ágata – protestou ele. – Até pode ser bom rapaz, mas é um homem!

Ela olhou-o divertida.

– Calma, resmungão, que a tua menina está a salvo.

Mario abanou a cabeça. Ainda lhe custava ver a sua filha como a adulta que era.

– Queres que vá eu esta noite para o hotel? – perguntou a mulher.

– Trabalhaste o dia todo e estás com ar cansado.

Mario observou-a. Os horários que ambos faziam no hotel eram demasiado longos.

– Nem pensar – respondeu, abanando a cabeça. – Tu fica com as miúdas e controla esse Hugo. Eu farei o turno da noite do Jesús e, amanhã, quando chegares ao hotel, eu volto e durmo umas horas.

Não muito convencida, ela insistiu:

– De certeza?

– Absoluta, mulher. Não te preocupes. – A seguir, apontando para a porta por onde a filha e os amigos tinham saído, perguntou: – E a comemoração vai durar até quando?

Sorrindo como sempre, Ágata replicou divertida:

– Até o sol nascer!

Mario riu-se.

Essa frase, tão típica da mulher, fazia-o sempre sorrir. Ela deu-lhe um beijo rápido nos lábios e disse-lhe:



– Senta-te e janta antes de te ires embora outra vez e, por favor, para de te preocupares com o Hugo; o rapaz é como um irmão para elas.  
– Ambos sorriram e, a seguir, Ágata indicou-lhe uma caçarola vermelha.  
– A propósito, tens ali o almoço de amanhã. Quando fores buscar a Sofia à escola, aqueçam-no e comam.

– Não te preocupes, querida, nós comemo-lo.

Sofía sentou-se ao pé do pai e, pousando o saco que tinha na mão, disse:

– Pai, a Esther não me deixa entrar no quarto dela.

Ágata e Mario entreolharam-se e este último disse:

– Prometo-te que no primeiro dia que tiver folga vamos os dois ao cinema, o que achas?

A rapariga encolheu os ombros.

Depois de ter servido o jantar ao marido, Ágata sentou-se ao pé deles e, olhando para a filha mais nova, sugeriu para a deixar contente:

– Que achas de eu ir buscar uns hambúrgueres antes de o pai sair para trabalhar e tu e eu jantarmos a ver um filme de mulheres?

Ao ouvir isso, os olhinhos claros de Sofia iluminaram-se. Era um plano excelente, pelo que aplaudiu.

– Sim... sim... mãe!

– Que belo programa – troçou Mario. – E eu a trabalhar... Não é justo! Divertida, Ágata piscou-lhes o olho e pegou na mala.

– Volto daqui a meia hora.

– *Okay*, mãe! E traz muuuuuitas batatas.

– Trarei, sim.

Deu um beijo nos lábios do marido e este murmurou com complacência:

– És a maior... mãe.

Quando Ágata já se dirigia para a porta da entrada, a música que vinha do quarto da filha mais velha fê-la ir até lá e, ao abrir, deparou-se com os jovens a dançarem como doidos. Esther, ao ver a mãe, convidou-a a entrar. Sabia que ela adorava dançar.

Ouvia-se a música animada da cantora de Barbados e Ágata dançou com eles até se ter ido embora com um sorriso para ir buscar os hambúrgueres.

Quarenta e cinco minutos depois, a polícia aparecia em casa dos Sánchez. Inexplicavelmente, Ágata caíra redonda no chão da hamburgueria. Para desgraça de todos, morreu de imediato devido a um enfarte fulminante aos quarenta e oito anos.



## Capítulo 1

*Benicàssim, 2017*

– Tens de ir, querida. Trabalhaste muito para que esse... esse... *Chilfried*...

– Pai, não é *Chilfried*, é *Shilfrierld*.

– Bem... seja lá como se pronuncia o raio do nome desse *chef*.

O importante é que ele se aperceba de quão bem tu cozinhas e que surjam oportunidades para ti.

– Não sei, pai.

Mario olhou para a filha. Esther esforçava-se por agradar a todos tal como a mãe fizera no passado.

– O teu sonho é seres *chefe* gerires a tua própria cozinha, filha – disse, apontando para ela. – Vai atrás desse sonho! E, se para isso tiveres de ir à Cochinchina com esse *chef*, não hesites!

Esther sorriu. O seu sonho sempre fora ter o seu próprio restaurante, ao qual daria o nome da mãe, Ágata. Embora, na verdade, achasse que seria difícil, muito difícil.

– Filha – insistiu o pai –, nada me agradaria mais do que ajudar-te, mas as coisas não estão lá muito fáceis.

– Eu sei, pai. Eu sei.

Com carinho, Mario olhou para a filha mais velha e declarou de um modo otimista:

– Mesmo assim, continuo a jogar todas as semanas na lotaria e no Euromilhões. Se sair, o dinheiro é todo para concretizares o teu sonho.

– Então e para o meu sonho? – perguntou Sofia, que estava entretida com as mensagens no seu telemóvel.

Ao ouvir a filha mais nova, Mario olhou para ela.

– É uma maneira de falar, querida. Claro que para o teu também.

A rapariga sorriu. Gostava de criar peças de bijutaria, coisa que fazia nos seus tempos livres. Expunha em lojas de roupa da zona, o que lhe dava alguns trocos.

Esther observou a irmã e, ao ver o prato dela ainda cheio de comida, incitou-a:

– Come mais um bocadinho.

– Não tenho fome, *miga*.

Esther e o pai entreolharam-se e ela insistiu:

– Não sou a tua *miga*, e faz o favor de comer uma banana ou uma coisa qualquer de sobremesa, Sofia.

– Não me apetece – grunhiu ela, virando-se para a irmã.

Depois de ouvir essa nova recusa, Mario pegou numa banana e meteu-lha à frente. Sofia e ele enfrentaram-se com o olhar e, por fim, a rapariga cedeu. Pegou-lhe, descascou-a e deu-lhe uma dentada.

– Pai, a Sofia e eu devíamos falar com o banco – comentou então Esther.

– Se nos dessem um empréstimo, podíamos fazer obras no hotel e...

– Eh... não contes comigo – interrompeu-a a irmã. – Não tenciono continuar a trabalhar aqui para o resto da minha vida.

– Sofia! – recriminou-a Esther.

– Nem pensar! – protestou Mario. – Não quero que vocês se endividem, como eu, para o resto das vossas vidas por causa deste hotel, recuso-me!

Esther suspirou cansada, olhou para a irmã em busca de ajuda e, ao ver que ela estava ocupada a mexer no telemóvel, disse, dirigindo-se ao pai:

– Pai, quer queiras quer não, é preciso investir no hotel se quisermos continuar a viver dele. – E, olhando para o folheto de um revolucionário hotel em Castellón, disse: – Sei que nunca seremos como a supercadeia hoteleira Tauranga, mas podemos...

– Filha – interrompeu-a, tirando-lhe o folheto das mãos –, falaremos disso noutra altura. Agora o importante é que faças essa viagem e que esse *chef* de nome impronunciável te conheça e queira ter-te na sua equipa.

Esther anuiu. Sem dúvida, era importante para ela, era com esse objetivo que andava há dois anos a dar aulas de culinária, seguindo o método Shilfrierld. No entanto, declarou:

– Ir-me embora para Londres e deixar-te sozinho faz-me sentir um bocado angustiada.

– Como assim, deixá-lo sozinho? – protestou Sofia sem largar o telemóvel. – E eu sou o quê, uma figurinha do presépio?

Esther observou a irmã.

Gostava dela, adorava-a, mas Sofia era uma fonte inesgotável de problemas. E ajudar, no que dizia respeito a ajudar no hotel, ajudava pouco. Por isso, contendo a vontade que sentia de lhe dizer o que pensava na realidade, não por ela, mas pelo olhar do pai, respondeu:

– Se estou a dizer «sozinho» é porque entre os dois vocês vão ter de cobrir os meus turnos e...

– Nada disso – replicou a irmã. – Vamos contratar alguém, não é, pai?

Mario olhou para as filhas e sorriu. Tinham os mesmos cabelos claros e olhos azuis da falecida mãe. Fisicamente eram parecidas, mas as suas personalidades eram muito diferentes. Esther era muito responsável e Sofia era precisamente o contrário.

– Vai para Londres – respondeu, olhando para a filha mais velha. – Consegue o que sempre sonhaste e, se ele te selecionar e daqui a uns meses tiveres de ir para Nova Iorque, não te preocupes com o hotel, nem com os turnos, nem com a tua irmã, nem comigo; entendido?

– Mas, pai...

Mario pousou um dedo na boca dela para a calar e repetiu:

– Vai atrás do teu sonho e aproveita os teus vinte dias em Londres, está bem?

Ao ver a expressão do pai, Esther concordou.

– Está bem, pai. Vou tentar.

Assim que terminaram de almoçar, os três levantaram-se e Mario, levando a mão à cabeça, disse:

– Vou deitar-me um bocado.

– Pai, podes substituir-me na esplanada? – pediu Sofia ao ouvi-lo. – Tenho de sair.

– Sofia! – protestou a irmã.

– O que foi?!

Irritada com o egoísmo dela, Esther prosseguiu:

– O pai disse que se vai deitar, será que não o ouviste?

Sofía, que não era surda, assentiu, mas, ignorando as palavras da irmã, virou-se para o pai e insistiu:

– É só uma hora. Tenho de levar à loja da Amelia a encomenda de colares que ela me fez.

Esther suspirou ao ouvir aquilo. Mario dirigiu-se então à filha mais nova e perguntou:

– Não vais ver aquele gandulo do Óscar?

Aquele jovem conflituoso não era o homem adequado para a sua filha.

– Não, pai, claro que não – apressou-se ela a responder.

Esther não acreditou nela. Sofía era uma grande mentirosa, ainda mais quando se tratava daquele gandulo tatuado e de alargadores nas orelhas. De cada vez que a irmã estava perto dele ou dos seus amigalhões, não acontecia nada de bom, por isso, virando-se para ela, protestou:

– Sofía, sê sensata e pensa um pouco. Essas amizades não te convêm.

– A *Senhora Perfeita*...! Não vamos começar com as tuas amarguras, senão digo-te umas quantas coisas sobre o palerma do teu Carlitos.

– Sofía! – repreendeu-a Mario.

O que a filha mais nova acabava de dizer não era correto. Embora, verdade seja dita, ele também não gostasse da relação de Esther com Carlos, o rapaz com quem ela namorava. No entanto, quando ia para dizer alguma coisa, esta aproximou-se da irmã e retorquiu:

– Olha, minha linda... se para ti estar com o Carlos e ser trabalhadora é ser amargurada, estás muito mal na vida. E em relação a...

– Esther! – protestou Mario.

As discussões das filhas eram cada vez mais difíceis de conter.

– Deixa-me viver, bacana – disse Sofía. – Queres que te faça um desenho para te explicar?

– Sofía, a tua irmã não é a tua *bacana*! – replicou o pai.

Esther bufou. A irmã não era apenas desmiolada; além disso, era uma convencida, uma mimada e levava sempre a sua avante. Com as outras pessoas era encantadora, mas, assim que entrava em casa, com ela e com

o pai era arisca e insuportável. Estava a pensar no que lhe dizer quando o pai se lhe adiantou:

– Vai, Sofia. Eu substituo-te.

Depois de o brindar com um sorriso e de lançar um olhar à irmã, a rapariga saiu apressada do escritório que havia ao lado da receção do hotel.

Esther observou o pai.

– Pai... – começou a repreendê-lo.

– Eu sei...

– Então se sabes, porque continuas a fazer isto?

Mario suspirou. Sabia que não estava a agir bem com a sua filha mais nova, mas replicou:

– Quero lá saber, Esther... não descarregues agora em mim!

Irritada com a resposta do pai, ela bufou. De imediato, ele olhou para a filha e, baixando um pouco o tom, continuou:

– Desculpa, filha, mas quero que a Sofia seja feliz. Passou por tanto que...

Ao ver a expressão triste do pai, Esther aproximou-se dele. Sem dúvida que ele também já passara por muito com a sua irmã e, abraçando-o, sussurrou:

– Tens razão. Não te preocupes.

Quando se separaram, Mario olhou-a e perguntou:

– O que pensa o *Divino* da tua viagem?

– Paaaaai...

– Desculpa, filha. Mas o teu namorado...

– Não é meu namorado! – protestou Esther.

– Seja lá o que for, filha – retorquiu Mario, contente com a resposta dela. – Esse fulano tem umas peneiras que não se aguentam. Olha que quando ele apareceu aqui no outro dia com aqueles suspensórios cor-de-rosa e a boininha a condizer, apeteceu-me dar-lhe uma chapadona para ver se ele acorda.

Ao ouvi-lo, Esther sorriu. Carlos era um homem muito peculiar, bastante excêntrico e egocêntrico. Mas, como não queria responder à provocação, encolheu os ombros e respondeu:

– Ele acha bem que eu vá. Ele também viaja muito em trabalho.

Mario concordou. Esther deu-lhe então um beijo e disse:



– Deita-te um bocado. Irei eu para a esplanada para que a Candy vá almoçar.

Enquanto ela saía do escritório, Mario seguiu-a com o olhar.

A responsabilidade que caíra em cima da filha mais velha afligia-o. Vivia demasiado preocupada com ele, com a irmã, com o hotel e queria que ela desfrutasse mais da vida. Precisamente o contrário de Sofia, que passava ao lado de tudo o que acontecia sem pensar em nada.



Esther praguejou para consigo mesma enquanto se dirigia para a esplanada. A irmã irritava-a cada vez mais. Era evidente que Sofia passara um mau bocado após a morte da mãe, mas ela e o pai também.

Ia a andar pelo corredor do hotel quando o telemóvel apitou. Uma mensagem de Delia:

Não sei se vou poder ir à festa. O dia complicou-se.

Ao lê-la, Esther sorriu e, nesse mesmo instante, recebeu outra de Vega:

Se não vieres, não te perdo. É o meu aniversário e quero pintar a manta! Esther, espero-te lá em casa para preparar tudo.

Entrou uma nova mensagem. Desta vez, de Hugo:

Vemo-nos logo à noite e, Delia, anda!

Esther voltou a rir. Os seus amigos eram incríveis. Escreveu rapidamente:

Vega, estarei em tua casa cedo para te ajudar com o jantar. Delia, não podes faltar! Beijinhos para todos.

Assim que carregou em «Enviar» com um sorriso nos lábios, prosseguiu o seu caminho até à esplanada e, ao entrar, reparou que Candy estava a limpar o balcão.

Aquela encantadora mulher portuguesa trabalhava com eles há sete anos, e a cada dia que passava Esther sentia-se mais feliz por a ter contratado.

Cândida tinha cinquenta e três anos, estava sozinha, não tinha família e, tal como eles, passava muitas horas no hotel sem se queixar, o que era de agradecer, e todos lhe chamavam Candy.

– Boas – cumprimentou-a.

– Oláaaaa. – Candy sorriu, guardando um pano de limpeza verde debaixo do balcão. De seguida, olhou para ela e comentou: – Achava que hoje era a vez da Sofia...

– E era – afirmou Esther desanimada.

A mulher suspirou ao ouvi-la. Esther trabalhava muito para gerir aquele hotel. Ia para falar quando esta se adiantou:

– Anda, vai almoçar.

Sem se mover de onde estava, a portuguesa comentou:

– O *tupperware* que ontem me deste de tarte de queijo e legumes estava divinal.

– Gostaste? – perguntou Esther encantada.

– Adorei... Que coisa mais deliciosa!

Feliz por saber que a receita lhe tinha saído maravilhosamente bem, a jovem sorriu e declarou com confiança.

– Afinal vou para Londres.

Candy disse:

– Acho isso fantástico. É o que tens de fazer. És uma excelente cozinheira, e só espero que um dia tenhas o teu próprio restaurante.

Esther sorriu.

– E o que diz o *Divino*? – perguntou.

A jovem suspirou. A sua família e os seus amigos mais chegados chamavam a Carlos o *Divino* devido à sua postura altiva. O rapaz, que tinha começado, há dois anos, como repórter para uma estação de televisão local, dera o grande salto para a fama quando foi contratado por uma estação importante, que até o queriam em Nova Iorque, e isso subira-lhe à cabeça.

Ao ver a expressão dela, a portuguesa sorriu.

– Lamento, mas já sabes que esse paspalhão não é santo da minha devoção.

– Candy!

– E vê-lo no outro dia com aqueles suspensórios cor-de-rosa armado em parvo à frente do teu pai... foi de morte!

Sem conseguirem evitar, ambas riram.

– Diverte-te em Londres – disse Candy –, na cozinha, e aproveita os teus dias lá para relaxares em todos os sentidos...

Divertida ao ver a expressão malandra dela, Esther sorriu. A seguir tirou um papel do bolso e mostrou-lho.

– Olha, vou cozinhar nestes restaurantes.

Candy deu uma olhadela ao papel e verificou que todos eles eram restaurantes de alto nível.

– Vais deixá-los sem palavras! – assegurou.

Nesse instante, ouviu-se na rádio da cafetaria um anúncio à cadeia hoteleira Tauranga. Olharam uma para a outra e, quando este terminou, Candy comentou:

– Gostemos ou não, este tubarão faz a coisa bem feita.

Esther viu-se obrigada a concordar. Odiava o dono da cadeia Tauranga.

Algum tempo antes de morrer, a mãe chegou um dia muito afetada do enterro de Joan, um amigo de Peñíscola, que, ao que parecia, se suicidara depois de se sentir pressionado para vender o seu hotel àquela cadeia hoteleira.

– Tenho de convencer o meu pai a pedir um empréstimo ao banco – declarou. – Precisamos de renovar o hotel senão vamos acabar por perder tudo.

– Sim. Tens toda a razão, mas, filha, ele é tão teimoso...

Durante vários minutos, falaram sobre as necessidades do hotel, que eram muitas, e, quando acabaram, Esther pegou na mão de Candy e perguntou:

– Posso pedir-te um favor para quando estiver fora em viagem?

A mulher sorriu e, antes de ela acrescentar mais alguma coisa, disse:

– Vai tranquila para Londres. Vou ajudar o teu pai e a tua irmã em tudo o que precisarem, já sabes.

Esther abraçou-a.

– Não sei o que faríamos aqui sem ti – sussurrou.

Contente e feliz com aquele abraço carinhoso, Candy afirmou:

– Vai para Londres e aproveita a experiência. Mereces esta viagem pelo muito que trabalhas, portanto... diverte-te e deixa-te levar!

Esther agradeceu e, ao ver uns clientes entrarem para a esplanada, foi ter com eles com um sorriso na cara, para lhes servir o que pedissem.